

“É só uma gripezinha”: a emergência dos discursos da necropolítica em tempos de pandemia

“It's just a fluffy”: the emergency of necropolitics discourses in pandemic times

Natanael Vieira de Souza¹
Universidade do Estado de Mato Grosso

Eni Puccinelli Orlandi²
Universidade Estadual de Campinas

♦**RESUMO:** A partir de alguns enunciados como “É SÓ UMA GRIPEZINHA”, objetivamos, aparatados pelos dispositivos teóricos e analíticos da Análise do Discurso, elaborada por Michel Pêcheux na França e desenvolvida no Brasil por Eni P. Orlandi, no primeiro momento, estabelecer diálogos com os conceitos de Michel Foucault (Biopolítica e Biopoder) e Achille Mbembe (Necropolítica), afim de demonstrar como, nos discursos do ex-presidente Bolsonaro, em alguns momentos é manifestado o poder de soberania do Estado, sob o viés Biopolítico (política sobre a vida), agindo sobre a vida das massas. No segundo momento, queremos nos atentar para os discursos sobre o momento pandêmico que vivemos e os seus possíveis desdobramentos sobre a vida de trabalhadores, crianças e populações desassistidas, mediante o exercício de poder sobre as vidas das pessoas, a quem se dirigem as políticas de vida e de morte, estabelecidas pelo Estado no governo de Bolsonaro.

♦**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de Discurso. Biopolítica. Biopoder. Necropolítica. Pandemia.

♦**ABSTRACT:** Based on some statements such as “IT'S JUST A LITTLE FLU”, we aim, equipped by the theoretical and analytical devices of Discourse Analysis, elaborated by Michel Pêcheux in France and developed in Brazil by Eni P. Orlandi, in the first moment, to establish dialogues with the concepts of Michel Foucault (Biopolitics and Biopower) and Achille Mbembe (Necropolitics), in order to demonstrate how, in the speeches of former President Bolsonaro, the State's sovereign power is sometimes manifested, under the Biopolitical bias (politics on life), acting on the lives of the masses. In the second moment, we want to pay attention to the speeches about the pandemic moment we are experiencing and its possible consequences on the lives of workers, children and underserved populations, through the exercise of power over the lives of the people, to whom the policies of life and death, established by the State in the Bolsonaro's government.

♦**KEYWORDS:** Discourse Analysis. Biopolitics. Biopower. Necropolitics. Pandemic.

1. Introdução

Historicamente, no Brasil, desde a sua invasão pelos portugueses, sempre houve povos ou parcelas da população que foram deliberadamente deixados à margem. Esta parece ser uma afirmação muito contundente e há quem queira, inclusive, justificar ou

¹ Mestre em linguística e doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres-MT, Brasil, e-mail: natodesouza@hotmail.com.

² Profa Dra Eni Puccinelli Orlandi, professora titular colaboradora do depto de Linguística/IEL/Unicamp, pesquisadora do Labeurb/Nudecri/Unicamp e professora visitante da Unemat- campus Cáceres. Pesquisadora IA CNPq.

relativizar o passado e nos acusar de anacronismo, argumentando que, naquele período histórico, fatos como estes estavam inseridos em práticas normalizadas pelas políticas vigentes. Porém, nada nos impede de dizer que o poder de soberania, que regia a vida e as ações destes sujeitos, configura-se como uma prática simbólica, isto é, uma prática de linguagem que produz sentidos, por e para sujeitos, portanto, o que nos interessa não é estabelecer uma verdade a respeito delas, mas compreender as relações de poder que permitiam que o Estado português tivesse autoridade para fazer viver e deixar morrer.

Além disso, interessa-nos compreender o modo como práticas de exclusão social e relações de poder constituídas histórico-ideologicamente no Brasil, se atualizam no imaginário social, enquanto memória discursiva e produzem sentidos nos discursos vigentes, considerando, aqui, a memória como o “saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”. (ORLANDI, 2015, p. 29).

Nessa perspectiva, nossas análises serão realizadas pela observação da relação entre discurso e história na produção de sujeitos e de sentidos, por isso, partimos da análise das condições de produção em sentido amplo (ORLANDI, 2015), que compreendem as condições históricas em que se estabelece o poder do Estado sobre a vida dos sujeitos.

Quando os portugueses chegaram a esta terra e a ocuparam, os povos que aqui viviam não foram levados em consideração, não houve, por parte de Portugal, a preocupação com as populações nativas desta porção de terra que foi por eles – os portugueses – nomeada de Brasil. O resultado da ocupação, não foi, e não é, nem um pouco favorável às populações nativas que vieram a ser denominadas de indígenas. Nem mesmo se vislumbra a curto prazo uma política de aceitação destes povos e respeito à sua cultura, às suas tradições, à sua diversidade.

Ainda na primeira metade do século XVI, depois da tentativa de escravizar³ os povos nativos sem muito sucesso, começaram a chegar ao Brasil os primeiros navios com negros destinados a venda, e tem início a escravidão negra no país. Segundo o livro “Para uma história do negro no Brasil”, lançado pela biblioteca nacional do Rio de Janeiro em 1988, a escravidão surge primeiramente em Pernambuco. Na obra, se afirma que ainda no século XVI o jesuíta Padre Antônio Vieira teria dito que “Sem negros não há Pernambuco” (BIBLIOTECA NACIONAL, 1988, p.09).

Atentemo-nos, pois existe um efeito de “positividade” na frase “Sem negros não há Pernambuco”, na medida em que se reconhece a importância do negro para o desenvolvimento das atividades na primeira indústria, na então colônia portuguesa denominada Brasil. Mas que negro é esse? É um negro significado a partir de redes de sentidos que o representam apenas como força de trabalho. Redes de sentidos reguladas por uma formação discursiva escravagista que não reconhecia o negro enquanto sujeito inserido na sociedade, mas como negro força, negro máquina, negro escravizado, negro coisa. Negro que, a partir de 1888, passa a ser prescindível, descartável, passa a ser “liberto”, mesmo que sem casa, sem comida, sem trabalho, sem dinheiro, sem esperança, sem promessa alguma, um sujeito negro despido de toda a “positividade” anunciada na frase acima.

³ No Brasil, a escravização de indígenas no período colonial foi marcada pela inconstância quanto à legalização desta prática, tendo produzido efeitos tanto sobre as populações indígenas quanto na própria constituição das sociedades e economias coloniais. A prática da escravização de índios por bandeirantes na São Paulo colonial (séculos XVI e XVII), demonstrou como a ilegalidade fez parte da formação das estruturas sociais e da elaboração de uma mentalidade escravista. DORNELLES, Soraia Sales. Trabalho compulsório e escravidão indígena no Brasil imperial: reflexões a partir da província paulista. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 38, n. 79, p. 87-108, Dec. 2018. <https://doi.org/10.1590/1806-93472018v38n79-05> - Acesso em: 10 out. 2022.

Em 1987, em uma entrevista concedida ao programa da rede cultura, Roda Viva⁴, Sebastião Bernardes de Souza Prata, mais conhecido como Grande Otelo, disse a seguinte frase: “Onde preto não entra, pobre também não entra”, é claro que esta frase é problemática na medida em que apaga as marcas interseccionais, ou seja, coloca o sujeito preto e o sujeito pobre no mesmo lugar de assujeitamento e, com isso, nega a singularidade da luta de cada uma destas posições-sujeito. Mas o que nos interessa da frase, é que Grande Otelo ao dizê-la, acaba por trazer à tona um outro fator relevante, que é a exclusão do pobre. Com o passar dos anos, novos grupos foram se somando aos indígenas, negros, pobres, mulheres e minorias - ou maiorias minorizadas -, de modo geral, na tentativa de se fazerem notados e, mais ainda, inclusos nas pautas sociais, econômicas, culturais e políticas da Pátria Brasil.

Logo após a ditadura militar, ressurgiu a esperança de novos tempos, tempos de liberdade e, quem sabe, trabalho, moradia, salário digno, saúde, educação, assistência social e jurídica, afinal a nova constituição promulgada em 1988, diz em seu texto que “todos somos iguais perante a lei”, produzindo um efeito de transparência dos sentidos, mas como aponta Orlandi (1995), as palavras são atravessadas por silêncios e esses silêncios significam. Desse modo, o que está dito no discurso da Constituição Federal é que, sim, perante a lei, somos todos iguais, mas há sentidos da ordem do não dito que silenciam que, na prática, os benefícios da lei são para poucos e, aos outros, restam somente, os rigores das leis a que são submetidos.

Depois desta breve introdução - em que procuramos, mesmo que de forma breve e sucinta, fazer um percurso pelas condições de produção históricas dos processos de exclusão social que se institui histórico-ideologicamente no Brasil, na tentativa de demonstrarmos as relações de poder que regulam as artimanhas da política exercida pelo Estado que, em seu exercício, “escolhe/elege” os seus favorecidos, enquanto importantes grupos outros, são relegados à exclusão parcial ou total das pautas de possíveis benefícios - torna-se de vital importância que, a partir de agora, conheçamos alguns conceitos que, de alguma forma nortearão as discussões a que nos propomos.

2. Biopolítica/Biopoder

Cabe aqui falarmos um pouco sobre os conceitos de Biopolítica e Biopoder, desenvolvidos por Michel Foucault, pois foi a partir deles que o filósofo e historiador camaronês Achille Mbembe desenvolveu um dos conceitos mais usados atualmente, pelas mais variadas disciplinas ou áreas de conhecimento, o conceito de *Necropolítica*.

Michel Foucault, pela primeira vez menciona o termo biopolítica no livro “História da Sexualidade I – A vontade de saber” no último capítulo desta obra, intitulado “Direito de morte e poder sobre a vida”.

Foucault observa que: “o homem, durante milênios, permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivo e, além disso, capaz de existência política” (FOUCAULT, 2012, p. 156). Mas a partir do momento em que se vislumbra aquilo que ele designa como “limiar de modernidade biológica”, o homem passa a ser “um animal, em cuja política, sua vida de ser vivo está em questão”. Essa imbricação da vida biológica nos cálculos dos dispositivos de poder é que será denominada “biopolítica”.

No mesmo capítulo, mencionado acima, pelo caminho da investigação acerca do direito de vida e de morte, Foucault percebe inicialmente uma forma soberana de poder no direito romano que ficou conhecida como a *patria potestas*, frase aqui vulgarmente

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rcDCPDrOj2Q> – Acesso em: 22 out. 2022.

traduzida como *Poder pátrio*, que concedia ao pai de família romano o poder de vida e morte sobre seus filhos e/ou escravos; Foucault, ainda descobre nas teorias contratualistas, atribuições do soberano nas questões do exercício de poder para permitir que este pudesse dispor de vidas, baseado no direito de guerra, em que as vidas dos guerreiros são colocadas à sua disposição, para viver ou para morrer e, finalmente, no direito de punir, ou seja, o poder de dispor sobre a vida e a morte de seus inimigos e também de seus súditos que, porventura, se rebelassem. Esse dispositivo de soberania, para Foucault, representa o exercício de um direito que se exerce diretamente sobre a morte e indiretamente, sobre a vida. Trata-se, segundo o filósofo, de um poder de “causar a morte ou deixar viver” (FOUCAULT, 2012, p. 150).

Entretanto este poder de fazer morrer e deixar viver que caracterizou o dispositivo da soberania, passou a ser apenas uma engrenagem a mais nos dispositivos de poder/Biopoder, a partir da transição do século XVIII para o século XIX, quando começa a ser complementado por um poder que passa a funcionar de modo inverso, ou seja, que se exerce direta e positivamente sobre a vida. Trata-se do “poder de causar a vida ou devolver à morte” (FOUCAULT, 2012, p. 150), ou seja, “um poder destinado a produzir forças, a fazê-las crescer e a ordená-las mais do que a barrá-las, dobrá-las ou destruí-las” (FOUCAULT, 2012, p. 148).

A positividade a que se refere Foucault, não quer dizer que o Estado passa a se preocupar com o bem-estar social ou com a vida cotidiana de todas as pessoas no sentido sociológico nem humanista; o autor procura demonstrar que o Estado, ao não mais supliciar o seu corpo até a morte, como foram as práticas do antigo regime, passa a adotar novas técnicas para incentivá-lo, positivá-lo, primeiro ao docilizá-lo através da disciplina, mas logo se descobre que não basta ter um corpo dócil e disciplinado, este corpo precisa ser um corpo *produtivo*.

Portanto, para que este corpo possa estar apto à produção, as novas técnicas de intervenção do corpo passarão pelos estímulos, que, contemporaneamente podemos exemplificar como: “faça exercícios”, “tome vitaminas”, “não durma tarde”, “acorde cedo”, “mantenha bons hábitos”, “cuide em ter um corpo sadio, saudável, ágil, apresentável”, uma nova política agindo sobre o corpo, uma biopolítica.

É importante ressaltar que todas estas mudanças de um corpo disciplinado (Um corpo capaz de obedecer, se comportar, aprender novas técnicas, etc.), para um corpo produtivo (Corpo capaz de criar, corpo criativo, capaz de inventar novas técnicas e tecnologias, etc.), sob os auspícios dos dispositivos da biopolítica, complemento do biopoder, foi resultante da nova ordem estabelecida pelo mercado capitalista.

À medida que o consumo das massas aumentou, houve uma grande demanda de mão de obra, conseqüentemente, mais mercado para as indústrias suprirem suas demandas por mercadorias, bens e serviços, logo, tornou-se urgente uma política voltada para fazer viver e não morrer, portanto, uma biopolítica em favor da permanência e crescimento do mercado. Afinal, há que se fazer viver, para que novos corpos/sujeitos possam produzir e consumir.

3. Necropolítica

A Necropolítica é um conceito cunhado por Achille Mbembe, em um ensaio publicado em 2016. Logo no início do primeiro parágrafo, Mbembe faz uma série de indagações que nos leva a pensar sobre o mundo contemporâneo e as novas/velhas formas de soberania que regem as múltiplas e várias formas de populações, muitas destas em um

mesmo espaço urbano ou rural, partes de um mesmo território. Para tanto, Mbembe nos diz que as:

[...] experiências contemporâneas de destruição humana sugerem que é possível desenvolver uma leitura da política, da soberania e do sujeito, diferente daquela que herdamos do discurso filosófico da modernidade. Em vez de considerar a razão verdade do sujeito, podemos olhar para outras categorias fundadoras menos abstratas e mais táteis, tais como a vida e a morte. (MBEMBE, 2016, p. 125).

Estas categorias de vida e morte estão presentes nos conceitos de biopolítica e biopoder e, a partir delas, o autor passa a refletir sobre certas “permanências”, nos locais onde ocorreu a colonização, desde formas de produção como o *plantation* e toda uma forma de governo que, inclusive, se assemelhavam nas colônias. Formas de soberania que, em alguma medida, resistem até os dias de hoje nas formas de exclusão, da precarização, do abandono, na ausência de políticas assistenciais e inclusivas.

Mbembe chama atenção para o fato de que, mesmo nos Estados, hoje, pretensamente democráticos, o fazer colonial, inaugurado pela modernidade, nunca foi de fato abandonado. O “deixar morrer” veio acompanhado de um aparato intrincado e bem arquitetado que garante ao estado o poder de fazer morrer. A isso, o filósofo chama Necropolítica. Uma política de normalização e normatização da morte pelo poder do soberano, seja ele um presidente, ou primeiro ministro, nos dias atuais, sem que a este lhe seja imputado crime, pois segundo o autor “a morte é o ponto no qual, destruição, supressão e sacrifício constituem uma despesa tão irreversível e radical – e sem reservas –, que já não podem ser determinados como negatividade”. (MBEMBE, 2016, p.126).

Acreditamos que, nestes últimos parágrafos, de forma abreviada, sutil e econômica, porém, não leviana, tenhamos dado uma ideia de conceitos tão densos e tão caros às análises que se seguem.

4. “É só uma gripezinha”

Com base em nossas análises das condições de produção sócio-históricas, políticas e ideológicas, baseadas em discursos produzidos por dados históricos e sociológicos, isto é, versões sobre a história do país, que, ao circularem pelo imaginário social, produzem sentidos, compreendemos que, no Brasil, desde a invasão portuguesa, em menor ou maior dominância, sempre houve uma política de descaso, desassistência social, cultural e jurídica, isolacionismo e violência sobre os mais variados tipos de populações. A começar pelas populações nativas, populações negras, povos remanescentes de quilombos, populações ribeirinhas, as populações empobrecidas, pessoas em situação de rua, que paulatinamente foram, de forma contundente, empurradas para as margens das cidades – agrupamentos também conhecidos como favelas ou comunidades –, ou das estradas – também conhecidos como acampamentos e assentamentos.

São sistemas de exclusão que se (re)atualizam nas políticas contemporâneas, enquanto memórias de sentidos e se materializam em práticas simbólicas que significam na produção das diferenças sociais. Nos últimos vinte anos, houve períodos de sensível melhora na distribuição de renda e políticas de inclusão, porém, nos últimos cinco anos a população mais vulnerável, a classe trabalhadora e grupos de minorias étnicas e de gênero têm sido constante e deliberadamente atacados em seus direitos. É neste clima de insegurança jurídica, social, cultural, crise ambiental, crise econômica e crise de poder,

que nos deparamos com uma das maiores pandemias de um vírus letal, em que mais de duzentos países foram afetados, quando o número de mortos pelo coronavírus no Brasil beirava a 700 mil e o número de infectados chegava à casa de 35 milhões de pessoas⁵.

Devido às práticas negacionistas de parte do ex-presidente, Jair Messias Bolsonaro e seu governo, a população pagou um alto preço, pois depois da demissão de dois ministros da saúde em menos de um mês, passou a ocupar o ministério por quase um ano, um militar sem nenhuma experiência em saúde pública, o qual veio a ser substituído por um novo ministro médico, Marcelo Queiroga.

Vidas eram perdidas enquanto as medidas governamentais insistiam em negar as evidências científicas frutos de estudo e pesquisa. Desde o início da sua disseminação, que começou na China, a velocidade de propagação e infecção, transmissibilidade e letalidade do vírus, foi, em certa medida, negligenciada. Os seus efeitos, de modo geral, subestimados por vários governantes, incluindo o do nosso país, Brasil. Diante deste quadro que até aqui descrevemos e, movidos pelo intuito de entender e analisar discursivamente esta situação, fizemos alguns recortes das entrevistas do ex-presidente Bolsonaro os quais passaremos a analisar.

Desse modo, passamos à análise de algumas sequências discursivas (doravante abreviadas em SD), que dizem respeito a falas do ex-presidente da república (Jair Messias Bolsonaro), a respeito da pandemia de covid-19, que nos permitem pensar a relação de sentidos entre as políticas bolsonarianas e o conceito de necropolítica, que mencionamos acima.

Bolsonaro, ocupando, então, a posição-sujeito presidente do Brasil, no dia 09 de março de 2020, em uma entrevista, disse o seguinte:

SD 1. “Muito do que tem ali é muito mais fantasia, a questão do coronavírus, que não é isso tudo que a grande mídia propaga”.

Neste mesmo dia ele já havia dito que a disseminação da doença estava “superdimensionada⁶”. No dia 10 de março o soberano da nação disse:

SD 2. “Temos, no momento, uma crise, uma pequena crise. No meu entender, muito mais fantasia, a questão do coronavírus, que não é isso tudo que a grande mídia propala⁷”.

Já no dia 24 de março, disse à nação:

SD 3. “Pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar. Nada sentiria. Ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho⁸”.

Muitos foram os enunciados do ex-presidente Bolsonaro, no sentido de minimizar a gravidade do vírus e da doença por ele causada, todas elas repercutiram nas mídias sociais e produziram sentidos para sujeitos que se identificaram ou não com a sua posição.

A esse respeito, é importante observarmos que as falas foram proferidas a partir da posição-sujeito presidente da república, pois para a Análise de Discurso, a posição-

⁵ Números atualizados em 18/11/2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 21 nov. 2022.

⁶ Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/coronavirus-nao-e-isso-tudo-que-grande-midia-propaga-diz-bolsonaro/> - Acesso em: 20/11/2022.

⁷ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/camilo-vannuchi/2020/04/30/a-pandemia-de-covid-19-segundo-bolsonaro-da-gripezinha-ao-e-dai.htm> – Acesso em: 21/11/2022.

⁸ idem

sujeito corresponde à relação entre o sujeito e o discurso que se dá pela forma sujeito da formação discursiva a que seu discurso se filia, ou seja, representa, nas relações de força, o lugar que o sujeito ocupa, no caso, o de presidente, o de autoridade máxima do país, em uma dada formação social, que, em relação ao Brasil, é a formação social capitalista e diz respeito à forma sujeito de direito (PÊCHEUX, [1975], 2014). Desse modo, a posição sujeito presidente, confere ao discurso um efeito de legitimidade por se tratar de uma autoridade do país, que fala enquanto responsável por políticas de controle da doença. Logo, o modo como o governante se posiciona, frente ao combate ao vírus, produz efeitos no imaginário social, a partir de gestos de interpretação dos sujeitos que podem ou não se identificar com o que está sendo dito, dependendo da formação discursiva em que se inscreve, resultando nos sentidos com que (ideologicamente) se identifica.

A posição sujeito funciona, inscrita em formações discursivas, isto é, o que pode e deve ser dito em uma dada situação (PÊCHEUX, *ibidem*), que faz com que produza no corpo social, as relações de forças de lugares autorizados a falar: por exemplo, no caso da pandemia, o sujeito presidente está autorizado a falar enquanto responsável por viabilizar os recursos e políticas de combate ao vírus; médicos, cientistas e profissionais da saúde estão autorizados a receitar e ministrar medicamentos, dentre outras posições que correspondem, no discurso, da projeção imaginária do lugar social ocupado pelos sujeitos.

Entretanto, esses lugares não são fixos, fazendo com que, em muitos casos, posição sujeito e posição social possam se intercambiar (PÊCHEUX, *ibidem*), o que permitiu que, em determinados momentos, o ex-presidente se colocasse na posição de “especialista” e receitasse, não apenas medicamentos sem comprovação científica de sua eficiência (cloroquina e hidroxicloroquina)⁹, mas também, recomendasse o trabalho como uma fórmula para cura de todas as doenças, pois no dia 27 de março de 2020, disse:

SD 4. “O maior remédio para qualquer doença é o trabalho¹⁰”.

E prossegue:

SD 5. “Não podemos agir dessa maneira irresponsável. (...) Vão quebrar o Brasil por conta do vírus?”¹¹.

Da SD 1, recortamos os enunciados, “fantasia” e “não é isso tudo”. Da SD 2, “uma pequena crise”, “muito mais fantasia”¹², “não é isso tudo”. Observemos que se trata de elementos linguísticos que consistem em uma tentativa do então presidente, em minimizar os sentidos da pandemia, uma tentativa de administrar os sentidos da pandemia, o que é reforçado na SD 3, em que o presidente se coloca como paradigma, por considerar ter “histórico de atleta”, logo, se pegar a doença, será apenas “uma gripezinha ou resfriadinho”.

Em seguida, ao observarmos a SD 4, ao afirmar que “O maior remédio para qualquer doença é o trabalho”, compreendemos que o discurso do ex-presidente se filia a sentidos da Biopolítica e do Biopoder que, como mencionamos anteriormente, associam

⁹Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/07/16/interna_politica,872688/nao-recomenda-6-vezes-que-bolsonaro-defendeu-uso-da-cloroquina.shtml. Acesso em: 19/11/2022

¹⁰Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/camilo-vannuchi/2020/04/30/a-pandemia-de-covid-19-segundo-bolsonaro-da-gripezinha-ao-e-dai.htm> – Acesso em: 21/11/2022.

¹¹ Idem

¹² A esse respeito ler “Volatilidade da interpretação: política, imaginário, fantasia”, de E.P. Orlandi (2020).

saúde a corpo ativo, corpo produtivo, mesmo colocando o trabalho como requisito para que os sujeitos se mantenham ativos e livres do risco da doença.

Isso se dá, uma vez que, desde o início da pandemia, dos primeiros debates acerca do isolamento social no Brasil, os discursos daquela presidência estavam inscritos em uma formação discursiva de mercado, que colocava a manutenção da economia acima da proteção à vida, como podemos observar na SD 5, ao afirmar que o isolamento social é irresponsável e que “Vão quebrar o Brasil por conta do vírus?”.

Portanto, identificamos elementos que apontam para o funcionamento da necropolítica nos discursos do governo Bolsonaro em quase todas as SDs: a política de caráter neoliberal, portanto, em favor do mercado, praticada pelo seu governo, apontando para a não valorização da vida, deliberadamente incentivavam as pessoas a saírem às ruas e, tal qual o soberano em tempo de guerra, convocam os(as) brasileiros(as) para o enfrentamento ao inimigo, pois, se acaso ocorrer algumas “baixas”, seria apenas o efeito colateral da guerra por um “bem maior”, no caso, o mercado, sem que nada lhe seja imputado de culpa e de dolo, uma vez que o soberano, segundo Foucault (1988, p.127):

“Pode, então, legitimamente, entrar em guerra e pedir a seus súditos que tomem parte na defesa do Estado; sem ‘se propor diretamente à sua morte’ é-lhe lícito ‘expor-lhes a vida’: neste sentido, exerce sobre eles um direito ‘indireto’ de vida e morte”.

Quem deve permanecer vivo, ou quem deve morrer? Como percebemos a presença do poder soberano? Na perspectiva da necropolítica, Mbembe diz que, “Nesse caso, a soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é “descartável” e quem não é”. (MBEMBE, 2016, p.135). Notemos que sob esta perspectiva, a vida de muitos trabalhadores, não importa. Talvez pelo fato de haver uma grande reserva de mercado, pois segundo dados divulgados pelo IBGE¹³ existiam 9,5 Milhões de pessoas desempregadas, o que importa se algumas centenas ou milhares morrerem na guerra contra a epidemia de corona vírus?

5. Considerações Teóricas: para além do poder soberano

Achille Mbembe no ensaio “Necropolítica”, como dissemos, faz uma magistral descrição do poder sobre a vida, desde as descrições provindas de Michel Foucault sobre a biopolítica e o poder da soberania do *ancien régime*, ao poder disciplinar que, ao contrário de fazer morrer ou deixar viver, teve como o seu principal objetivo, depois do final do século XVIII e início do século XIX, uma nova formulação, fazer viver ou deixar morrer.

Mais que isso, Mbembe, em sua descrição, leva a sua reflexão para além das estruturas do Estado e seu aparato governamental, passando a incluir diversas outras formas de organização não governamentais que também são capazes e eficazes no exercício desta forma de necropoder:

Milícias urbanas, exércitos privados, exércitos de senhores regionais, segurança privada e exércitos de Estado proclamam, todos, o direito de exercer violência ou matar. Estados vizinhos ou movimentos rebeldes arrendam exércitos a Estados pobres. Fornecedores de violência não governamental disponibilizam dois recursos coercitivos críticos: trabalho e minerais. Cada vez

¹³ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php> - acesso em: 22/11/2022.

mais, a maioria dos exércitos é composta de soldados-cidadãos, crianças-soldados, mercenários e corsários. (Mbembe, 2016, p.139-140).

Portanto, faz-nos perceber que esta forma de exercício de poder, usado para causar a morte, não é uma primazia, apenas, de um, ou mais, governos ou soberanos, mas, pelas mais variadas formas de organizações atreladas às mais diversificadas formas de interesses.

Esta forma de necropolítica tão bem explicitada por Mbembe, pode ser vista aqui no Brasil de várias formas. Nas políticas governamentais, como procuramos mostrar na análise deste texto; nas guerras milicianas¹⁴ nas grandes cidades; nas disputas de gangues por territórios nas favelas ou comunidades; por grupos/facções do crime organizado¹⁵.

Sem contar grupos paramilitares que agiram recentemente ou ainda agem em alguns países sul-americanos tais como, o “Sendero luminoso” criado na década de 60 e que até a década de 90 do século passado esteve em atividade no Peru (FRANÇA, et al. 2012); “Los Rastrojos” na Colômbia¹⁶ ainda em atividade; o grupo “FARC” (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), que segundo Kalki Zumbo Coronel Guevara (GUEVARA, 2010), foi criado em 1964 e atuam até hoje.

Diante destas evidências é inegável a contribuição de Mbembe, para que possamos entender algumas características da necropolítica e das instituições que a fomentam e as perpetuam. Entretanto, Mbembe manterá este posicionamento em que o necropoder acaba se entrincheirando nas estruturas da soberania, e de algumas organizações que se arvoram ao exercício da política de morte, tendo como alvo e objetivo a subjugação de povoaamentos, domínio de territórios e ataques em massa contra as populações. Fato este que proporciona pouca mobilidade ao poder, entretanto, ainda deixa ausente o sujeito, privilegiando conceitos estruturais tais como, soberania, governos, instituições e grupos diversos.

Neste ponto, propomos, para pensarmos a necropolítica para além destas estruturas e, principalmente, inserirmos a noção de sujeito enquanto categoria plausível de análise pela ótica do exercício de poder, para isto, recorreremos novamente a Michel Foucault, que considera o poder enquanto relação não estanque ou congelado em alguma estrutura. Para Foucault:

É preciso não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detém exclusivamente e aqueles que não o possuem. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 2004, p. 193)

O poder existe como uma estratégia que funciona entre sujeitos que circulam pelas redes de poderes, exerce-os e sofrem a sua ação. Percebendo desta forma, o poder e sua

¹⁴ Para saber mais acesse: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,milicia-o-que-e-como-funciona-no-brasil-e-por-que-e-tao-dificil-combate-las,70003299667> – Acesso em: 19/11/2022.

¹⁵ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49181204> – Acesso em: 18/11/2022.

¹⁶ Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/60635/paramilitar-presos-na-venezuela-confirma-operacao-para-assegurar-travessia-de-guaido-para-colombia> – Acesso em: 18/11/2022.

dinâmica, podemos pensar que, não apenas as instituições e/ou organizações detêm a posse e/ou a primazia do exercício do poder.

Se pensarmos o necropoder enquanto poder sobre a vida e morte, à luz do prisma foucaultiano, encontraremos o sujeito no seu exercício e poderemos analisar a necropolítica em sua microfísica, nas relações mais comezinhas da vida cotidiana. O mesmo necropoder que levou sujeitos a envenenarem uma garrafa de bebida e entregar a pessoas em situação de rua¹⁷. Ou o envenenamento de pessoas através de marmitas de comida¹⁸ que vitimou o pintor Vagner Gouveia de Oliveira, de 37 anos e José Luiz de Araújo Conceição, de 61 anos. A mesma necropolítica praticada pelos soberanos, governos, instituições e organizações, desta vez exercida pelo sujeito ordinário, que foi decisivo sobre a escolha de quem deveria morrer.

Nestes tempos pandêmicos, segundo dados da página da revista “Isto é Dinheiro”¹⁹, a denúncia de violência contra as mulheres cresceu 40%, mais uma vez vemos o necropoder na sua forma microfísica perpassando as relações mais domésticas, íntimas, tais como, as conjugais, poderíamos elencar vários outros momentos em que são manifestadas as políticas de morte nas relações interpessoais, nas suas formas mais micro, mas preferimos nos ater a estes casos, apenas para dizer que a necropolítica de Mbembe vista pelas lentes da microfísica do poder de Foucault, talvez possa ampliar as formas de vermos as estratégias de vida e morte, bem como, quem as exerce.

E se nos voltássemos, então, nesse diálogo teórico-analítico, para a Análise de Discurso materialista, poderíamos analisar mais profundamente essa relação com os sujeitos, não só em seu processo de constituição pela interpelação ideológica, mas também pelos seus modos de individuação pelo Estado e encontraríamos, talvez, possíveis gestos de resistência (E. Orlandi, 2001), pois compreendemos um gesto de resistência como prática de poder. Prática produzida pela falha do Estado em sua articulação simbólico-política, na falha do ritual ideológico que, então, ecoaria na história, produzindo, na falta, a ruptura nos processos de significação. Resistir, talvez seja a ordem, mais que isso, ficarmos vivos mesmo contra toda a força dos soberanos, resistir hoje para que possamos lutar um outro dia, sempre, um dia a mais, existindo, ou seja, empurrando o curso do real da história e dos processos de significação.

REFERÊNCIAS

BAND JORNALISMO. Comida envenenada: polícia investiga morte de moradores de rua. 23 jul. 2020. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=w1C63hqAwvc&ab_channel=BandJornalismo - Acesso em: 20 nov. 2022.

BAND JORNALISMO. Parentes e amigos de homens envenenados em Barueri pedem justiça. 19 nov. 2019. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=qtSJdbSEHc4&ab_channel=BandJornalismo. Acesso em: 19 nov. 2022.

¹⁷ Caso fartamente noticiado nos mais variados veículos de imprensa. Disponível em: <https://www.metrojornal.com.br/foco/2019/11/22/bebida-matou-moradores-de-rua-barueri.html> - Acesso em: 20/11/2022. Ainda: https://www.youtube.com/watch?v=qtSJdbSEHc4&ab_channel=BandJornalismo - Acesso em: 19/11/2022.

¹⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w1C63hqAwvc&ab_channel=BandJornalismo - Acesso em: 20/11/2022.

¹⁹ Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/violencia-contra-a-mulher-aumenta-em-meio-a-pandemia-denuncias-ao-180-sobem-40/> - Acesso em: 21/11/2022.

BEBIDA que matou moradores de rua pode ter veneno, químicos e até cocaína.

Metro Jornal, 22 nov. 2019. Disponível em:
<https://www.metrojornal.com.br/foco/2019/11/22/bebida-matou-moradores-de-rua-barueri.html>. Acesso em: 20 nov. 2022.

CORONAVÍRUS não é isso tudo que grande mídia propaga, diz Bolsonaro. IstoÉ, 10 mar. 2020. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/coronavirus-nao-e-isso-tudo-que-grande-midia-propaga-diz-bolsonaro/> - Acesso em: 20 nov. 2022.

DORNELLES, Soraia Sales. **Revista Brasileira de História**. Vol. 38, nº79. pp. 87-108. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbh/v38n79/1806-9347-rbh-38-79-87.pdf> - Acesso em: 10 out. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 22. reimpr. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012.

FRANÇA, TCN., et al. **O Sendero Luminoso e o 17 de maio de 1980: metamorfoses possíveis?**. In OLIVEIRA, RP., NOGUEIRA, SG., and MELO, FR., orgs. América Andina: integração regional, segurança e outros olhares [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012. pp. 237-251.

GUEVARA, K. Z. C. . **As Forças Revolucionárias da Colômbia (FARC) e sua Atuação no Cenário Internacional**. REVISTA ELETRÔNICA DE DIREITO INTERNACIONAL , v. 6, p. 213-240, 2010.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **O que é desemprego**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php> - acesso em: 22 nov. 2022.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte & Ensaios. Revista do ppgav/eba/ufjf. n. 32. Dezembro, 2016. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5290520/mod_resource/content/1/necropolitica.pdf - Acesso em: 16 set. 2020.

NÃO RECOMENDA? 6 vezes que Bolsonaro defendeu uso da cloroquina. Correio Brasiliense, Brasília, DF, 16 jul. 2020. Disponível em:
https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/politica/2020/07/16/interna_politica,872688/nao-recomenda-6-vezes-que-bolsonaro-defendeu-uso-da-cloroquina.shtml. Acesso em: 19 nov. 2022.

NOMURA, Bruno. **O que é milícia**: entenda as origens e como o crime funciona no Brasil. Estadão, São Paulo, SP, 12 mai. 2020. Disponível em:
<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,milicia-o-que-e-como-funciona-no-brasil-e-por-que-e-tao-dificil-combate-las,70003299667> – Acesso em: 19 nov. 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 3 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. – 12 ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

_____. Volatilidade da Interpretação: política, imaginário, fantasia, in *Cadernos da Abralín*, 2020.

Para uma história do negro no Brasil. — Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1988. 64 p.; il.; 20cm. Disponível em:

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1104317/icon1104317.pdf – Acesso em: 16 jul. 2020.

PARAMILITAR preso na Venezuela confirma operação para assegurar travessia de Guaidó para Colômbia. Opera Mundi, São Paulo, SP, 20 set. 2019. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/60635/paramilitar-preso-na--confirma-operacao-para-assegurar-travessia-de-guaido-para-colombia>. Acesso em: 18 set. 2022.

PASSARINHO, Nathalia. **Cabeças cortadas, corpos carbonizados:** o que está por trás da violência extrema na guerra de facções. BBC, 04 ago. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49181204>. Acesso em: 18 nov. 2022.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi [*et al.*]. 5 ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. Título original: *Les vérités la Palice*, 1975.

RODA VIVA. **Grande Othelo.** 1987. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rcDCPDj2Q> – Acesso em: 22 out. 2022.

VANNUCHI, Camilo. **A pandemia de Covid-19 segundo Bolsonaro: da “gripezinha” ao “e daí?”.** UOL, 30 abr. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/camilo-vannuchi/2020/04/30/a-pandemia-de-covid-19-segundo-bolsonaro-da-gripezinha-ao-e-dai.htm> – Acesso em: 21 nov. 2022.

VIOLÊNCIA contra a mulher aumenta em meio à pandemia; denúncias ao 180 sobem 40%. IstoÉ, 01 jun. 2020. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/violencia-contra-a-mulher-aumenta-em-meio-a-pandemia-denuncias-ao-180-sobem-40/>. Acesso em: 21 nov. 2022.

Recebido em: outubro de 2023.
Aprovado em: dezembro de 2023.

Como citar este trabalho:

SOUZA, N. V. de; ORLANDI, E. P. “É só uma gripezinha”: a emergência dos discursos da necropolítica em tempos de pandemia. **Traços de Linguagem**, v. 7, n. 2, p. 84-95, 2023.